

EDUCAÇÃO FÍSICA E ARTES: TRABALHANDO NA EDUCAÇÃO INFANTIL DE MANEIRA INTERDISCIPLINAR

Ms. WALK LOUREIRO

Mestre em Educação Física (UFES)
Professor da Rede Municipal de Ensino de Vitória/ES
Membro do Laboratório de Estudos em Educação Física (LESEF/UFES)

Ms. ANTÔNIO FERNANDES DA CRUZ JUNIOR

Mestre em Educação Física (UFES)
Professor da Rede Municipal de Ensino de Vitória/ES

ELIZETE APARECIDA SILVA

Professora da Rede Municipal de Ensino de Vitória/ES

Resumo | O texto trata de um relato de experiência que faz menção às experiências vivenciadas em um Centro Municipal de Educação Infantil da cidade de Vitória durante o ano letivo de 2009, quando tivemos a oportunidade de realizar um pensar interdisciplinar sobre a prática pedagógica conjunta das áreas do saber Artes e Educação Física. Aponta para a possibilidade, tanto no plano teórico, quanto na efetivação da prática pedagógica, do trabalho conjunto dessas disciplinas, cada uma com suas especificidades, a partir da experimentação, ressignificação e realização da prática corporal de “empinar pipa”.

Palavras-chave | Educação Física; Artes; interdisciplinaridade.

INTRODUÇÃO

Desde o ano de 2006, as disciplinas Artes e Educação Física tornaram-se presentes no currículo da Educação Infantil pública da cidade de Vitória. Esse momento na realidade foi a culminância de uma avaliação positiva feita sobre um projeto piloto realizado, durante aproximadamente dois anos, para avaliar se era importante a reinserção da disciplina Educação Física¹ e a inclusão da disciplina Artes nos Centros Municipais de Educação Infantil (CMEI's) que integravam o sistema público de educação municipal da capital do Espírito Santo (MARCHIORI; RODRIGUES; OLIVEIRA, 2009).

Atualmente, a Secretaria Municipal de Ensino de Vitória (SEME) conta com Professores Dinamizadores de Educação Física e Artes (estes últimos, licenciados em Artes Plásticas, Artes Visuais, Artes Cênicas, Música, entre outras), distribuídos pelos quarenta e seis CMEI's que atualmente integram esta rede de ensino e que atendem a crianças compreendidas na faixa etária de zero a seis anos de idade.

Apesar de Vitória possuir uma das primeiras redes públicas de ensino do Brasil que adotou a figura dos professores especialistas de Artes e Educação Física na Educação Infantil, as dificuldades apresentadas aos docentes dessa última especialidade não são poucas, haja vista que grande parte dos CMEI's de Vitória, especialmente os criados antes da implementação definitiva da Educação Física no currículo da Educação Infantil, não foram construídos pensando em receber algum dia essas aulas em seus espaços.

Imersos neste contexto de dificuldades, mas também de possibilidades, trazemos ao leitor um relato que apresenta não apenas o pensar

1. Não é incorreto falar que a implementação da Educação Física na Educação Infantil em 2006 correspondeu à sua reinserção porque de acordo com Marchiori, Rodrigues e Oliveira (2009, p. 55) "A inclusão da Educação Física no ensino infantil no município de Vitória, se deu no ano de 1992, sendo ofertada apenas na pré-escola (atingindo crianças de três a seis anos) em um processo paulatino de implementação, atingindo em 1996, todos os Centros de Educação Infantil de Vitória. Em 1997, a Secretaria Municipal de Educação decidiu suprimir estas aulas e os professores efetivos de Educação Física foram remanejados para o ensino fundamental e outras funções".

interdisciplinar que realizamos durante o ano letivo de 2009, mas também uma atividade realizada a partir dessas reflexões no Centro Municipal de Educação Infantil Yolanda Lucas da Silva (CMEI-YLS).

O PAPEL DAS DISCIPLINAS EDUCAÇÃO FÍSICA E ARTES NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Acreditamos que a prática pedagógica do professor da Educação Infantil precisa estar balizada no entendimento de que a infância não pode ser o período no qual se realiza uma sistematização fria e burocrática do mundo, porque isso acarretaria em seu desencantamento. (KUHLMANN JÚNIOR, 2007)

No tocante à Educação Física na Educação Infantil acreditamos que essa disciplina não pode, nem deve ser vista somente como tempo e espaço de experimentação de atividades dotadas de um imediatismo no qual se busca apenas o fazer pelo fazer por compreendermos a Educação Infantil “[...] como tempo e espaço de acesso ao conhecimento em suas muitas dimensões e, conseqüentemente, de construção de saberes [...]”. (SOARES, 2002, p. 16-17)

Esse entendimento não apenas acarreta na discordância de que a Educação Física, possa ser usada como dispositivo compensatório pouco sistematizado e desprovido de intencionalidade (DEBORTOLI; LINHALES; VAGO, 2002), como nos faz afirmar nossa percepção da cultura como o principal conceito que pode sustentar o ensino da Educação Física (DAOLIO, 2007) não apenas na Educação Infantil como em todas as demais modalidades da Educação Básica. Neste contexto é importante destacar nossa concordância com Daolio (2007), que entende que o professor/profissional de Educação Física não apenas não age sobre o corpo ou o movimento em si, como também não trabalha com o esporte ou a ginástica em si.

E, é no entendimento de que o docente de Educação Física “[...] trata do ser humano nas suas manifestações culturais relacionadas ao corpo e ao movimento humanos [...]” (DAOLIO, 2007, p. 2), que encontramos um dos pontos de maior confluência que as disciplinas Educação Física e Artes talvez possam ter na operacionalização da prática pedagógica

dos educadores dessas duas disciplinas da Educação Infantil. Afinal entendemos que o ensino de Artes deve ampliar o acervo cultural de nossas crianças enquanto favorece sua formação humana no que se refere ao exercício de sua sensibilidade, sentidos, imaginação e cognição e esse consenso impede que a disciplina de artes atenha-se a uma prática pedagógica com finalidade pura e exclusivamente prática.

Defendemos, que o ensino dessa disciplina deve não somente estimular “[...] o pensamento, a sensibilidade, a imaginação, a percepção, a intuição e a cognição da criança [que] devem ser trabalhadas de forma integrada, visando favorecer o desenvolvimento das capacidades criativas das crianças” (BRASIL, 1998, p. 91), como também entendemos que a aproximação de nossas crianças com esse universo de imagens, sons, cores, emoções, sentimentos e sabores pode ampliar nelas os modos de (re)ver e (re)criar o mundo das artes (LOPONTE, 2008) e suas possibilidades de experimentar e apreciar o mundo social no qual elas estão inseridas.

É dentro deste contexto que pautamos nossa prática pedagógica no reconhecimento das crianças enquanto sujeitos de direitos que possuem cultura e história de vida próprias e que necessitam de um tratamento pedagógico dos conteúdos de maneira a adequá-los à sua condição infantil (ANDRADE FILHO, 2007). Acreditamos, que o papel do professor da Educação Infantil seja realizar uma mediação para que os alunos acessem o conhecimento de representações, significados e sentidos da cultura na qual elas estão inseridas. Para tanto, temos buscado ajudar nossos alunos a se apropriarem, na medida do possível, criticamente dos conhecimentos apreendidos, conforme as possibilidades que as crianças de cada faixa etária apresentam.

Apresentados os pressupostos que fundamentam nossa prática pedagógica, partiremos para o relato de experiência propriamente dito.

CARACTERIZAÇÃO DO ESPAÇO E DOS ATORES ENVOLVIDOS

O CMEI-YLS está localizado no bairro Inhanguetá, na região da Grande Santo Antônio e contou com um quantitativo médio de quatrocentos

e oitenta e cinco alunos durante o ano letivo de 2009, matriculados nos turnos matutino e vespertino e compreendidos na faixa etária de dois a seis anos de idade. Com uma área de 1.340,59 metros quadrados de área construída, apenas 191,53 metros quadrados são destinadas ao pátio que, além de pequeno, precisava ser revezado entre as turmas da unidade de ensino, o que trouxe enormes dificuldades para a prática pedagógica dos professores de Educação Física da instituição.

O grande problema das aulas de Educação Física no CMEI-YLS foi que, pela inexistência de qualquer espaço alternativo dentro ou próximo da instituição, quase todas as aulas de Educação Física aconteceram dentro da própria sala. Com as crianças maiores, compreendidas na faixa etária de quatro a seis anos de idade, foi possível, mesmo que com algumas dificuldades,² fazer alguns “passeios” para a realização de atividades em um espaço situado a cerca de dois quilômetros e meio de distância da instituição de ensino.

Quando conseguíamos aliar o número de pessoas necessário com a ausência de intempéries (sol forte e chuva) realizávamos o deslocamento que envolvia um cansativo e complicado trabalho de logística. Caminhando com um quantitativo de quarenta a cinquenta crianças (que correspondia ao número de alunos de duas turmas), carregávamos não apenas os materiais necessários para a realização das atividades (bolas, cones, pipas, bambolês, cordas, discos de plástico, raquetes, entre outros), mas também uma grande quantidade de água para saciar a sede das crianças.

A EXPERIÊNCIA REALIZADA

Desde o início do ano letivo de 2009 trabalhamos nas aulas de Educação Física o projeto denominado “Práticas Corporais da Cidade de

2. Dentre as principais dificuldades podemos destacar a baixa disponibilidade de pessoal para auxiliar no traslado a pé com as crianças até a localidade e a indisponibilidade de transporte municipal que fizesse o transporte dos alunos, uma vez que os poucos veículos que poderiam realizar esse transporte precisam ser revezados entre todas as unidades escolares que compõem a Educação Infantil e o Ensino Fundamental de Vitória.

Vitória – Espírito Santo”, interligado ao Projeto Institucional do CMEI-YLS “Vitória: olhares que se Cruzam”, que havia sido definido pelo Plano de Ação construído pelo corpo pedagógico da instituição ao final do ano de 2008. Tendo por objetivo principal ampliar o acervo cultural das crianças da instituição acerca dos elementos que constituem algumas das práticas corporais, exploramos e experimentamos conteúdos como: práticas corporais vivenciadas nas praias e nas ruas de Vitória; ginástica, jogos, cantigas de roda, brincadeiras infantis, entre outros.

Quando optamos pela escolha desse projeto para as aulas de Educação Física buscamos contemplar nosso compromisso em garantir aos nossos alunos

[...] o direito de acesso à riqueza dos temas e conteúdos de ensino da Educação Física, especialmente sua partilha, reinvenção e reconstrução coletiva. Assumimos, assim, responsabilidades com a produção de novas sínteses, intervenções e condições necessárias para uma formação humana fundamentada em princípios de autonomia e cidadania. (DEBORTOLI; LINHALES; VAGO, 2002, p. 96-97)

Após desenvolvermos um processo de discussão e negociação durante o primeiro semestre de 2009, elencamos a atividade de “empinar pipa” como uma espécie de “atividade-piloto”, mediante a qual buscaríamos colocar em prática as possibilidades identificadas no plano teórico e que foram apresentadas no início deste artigo a respeito da interdisciplinaridade.³

Apesar de concordar com Kuhlmann Júnior (2007) de que precisamos proporcionar vivências ricas e diversificadas às nossas crianças para

3. Apesar de elencar essa atividade para divulgação no texto, por causa dos desdobramentos advindos com sua realização, é importante abrir um parêntese para destacar que ela não foi a única realizada de maneira interdisciplinar em 2009 entre Artes e Educação Física no CMEI-YLS. Trabalhando com a produção dos artistas plásticos Cândido Portinari e Ivan Cruz – que retratam muitas cenas do cotidiano como brincadeiras e jogos populares em seus traços – ainda efetuamos as atividades com as temáticas “brincadeira de roda”, “pular corda”, “pé de lata”, “bolinha de gude”, “brincadeiras com bola”, “avião e barco de papel”, “piques diversos”, “arco” e “amarelinha”. Privilegiamos obras de artistas brasileiros, porque “Acreditamos que conhecendo e valorizando a produção nacional e local, a criança estará construindo sua identidade e cidadania”. (BIASUTTI, 2002, p. 18)

que, sem abrir mão do prazer, elas vivam e experimentem o mundo. O prazer proporcionado às crianças não foi o único motivo que nos levou a optar pelo “empinar pipa”, afinal, entendemos que essa brincadeira podia não apenas ampliar o acervo cultural de nossas crianças, exercitar sua sensibilidade, seus sentidos, sua imaginação e a cognição, como também desencadear uma série de aprendizagens importantes tanto em relação à discussão de gênero, quanto em relação a algumas questões sociais nela envolvidas, como será visto mais adiante.

A dinâmica utilizada foi realização de aulas coordenadas, que serão detalhadas adiante, entre os professores das duas disciplinas durante três semanas. Com a atividade abordamos quatro dos seis eixos tratados no Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil (RCNEI) concretizados no âmbito da experiência de conhecimento do mundo: “Movimento”, “Artes Visuais”, “Linguagem Oral e Escrita” e “Natureza e Sociedade”. (BRASIL, 1998)

AS AULAS DE ARTES

A atividade foi iniciada na aula de Artes, com os alunos recebendo informações a respeito da vida e obra de Portinari e apreciando a obra “Três Marias” (PORTINARI, 1940), que representa três meninas brincando com pipas e balões. Acreditávamos que essa representação feminina podia servir de suporte para uma discussão de gênero com nossas crianças. Afinal, esperávamos que surgisse o questionamento de que o “empinar pipa” era brincadeira de meninos, como de vez em quando acontecia durante as brincadeiras no CMEI-YLS, tanto da parte de algumas meninas que não queriam deixar que os meninos brincassem de casinha ou de boneca, quanto da parte dos meninos, que tentavam impedir as meninas de brincar “de bola” ou de carrinho.⁴

4. Em momento oportuno (mais adiante neste texto) apresentaremos como foi problematizada coletivamente em nossas aulas uma discussão de gênero originada pela atividade de “empinar pipa”.

Esses comentários, apesar de corresponderem a representações das falas e comportamentos de seus pais/responsáveis por parte de nossas crianças, são uma pequena demonstração que desde muito cedo nossas crianças são educadas dentro de padrões tradicionais de gênero socialmente aceitos (VIANNA; FINCO, 2009), especialmente as meninas que vêm sendo educadas a assumir “[...] padrões de sexualidade feminina [que] são, inescapavelmente, um produto do poder dos homens para definir o que é necessário e desejável [...]”. (WEEKS, 2001, p. 56)

Assumimos com essa discussão nossa responsabilidade na provocação de questões de gênero por entendermos que essa fase da vida das crianças é um bom momento para começarmos a discutir algumas, dentre as várias, relações de poder (gênero, classe, étnicas, de idade e tamanho, entre outras) existentes em nossa sociedade (FARIA, 2006), que acabam sendo inculcadas nas cabeças de nossas crianças como se fosse algo natural, posto e imutável.

Em seguida, as crianças foram convidadas a também construir, cada uma, sua própria obra com técnicas variadas (conforme as possibilidades de cada grupo). As crianças de dois anos realizaram uma atividade de colagem de retângulos ordenadas em um barbante, formando uma rabiola, e de pintura do fundo da tela utilizando-se a técnica do esponjado simples para representar o céu.



Figura 1 – Atividade realizada pelas crianças de dois anos

As crianças de três anos também realizaram uma atividade de colagem de retângulos e pintura de uma pipa com giz de cera. Aos maiores (com quatro, cinco e seis anos) era pedido que fosse retratada a atividade do jeito que eles preferissem (personagens e cenário) utilizando a técnica de sua escolha (desenho, colagem, pintura ou esponjado simples), sendo possível aliar mais de uma delas. Obtivemos obras ricas de detalhes das diversas maneiras que as crianças enxergavam o soltar pipa e o brincar com outras crianças e seus familiares.

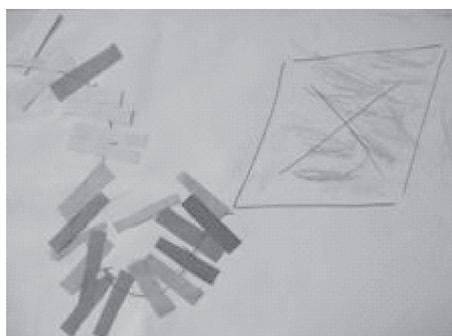


Figura 2 – Atividade realizada por criança de três anos

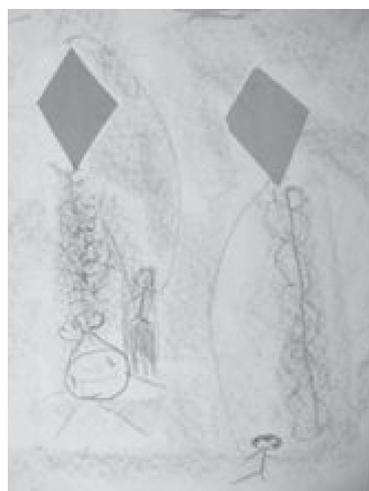


Figura 3 – Atividade de realizada por criança de quatro anos



Figura 4 – Atividade realizada por criança de cinco anos



Figura 5 – Atividade realizada por criança de seis anos

AÇÕES CONJUNTAS NAS AULAS DE ARTES E EDUCAÇÃO FÍSICA

Paralelamente, os professores das duas disciplinas estabeleceram diálogos com os alunos sobre o que eles sabiam da prática corporal de “empinar pipa” e quem já a havia experimentado. Surgiu o assunto de alguns acidentes que haviam ocorrido com eles mesmos, com colegas e até com seus familiares, devido ao hábito da utilização da linha com cerol.⁵ A partir dessa questão, foi problematizado com os alunos sobre os riscos presentes nesta atividade para si e para os outros, se ela for executada em lugares inadequados e/ou com material cortante e quais os cuidados necessários para evitá-los.

A importância em ressignificar e experimentar a prática corporal de “empinar pipa” ficou ainda mais clara, em conversas preliminares realizadas com os pais/responsáveis das crianças e com alguns dos professores de nosso CMEI que moravam nas redondezas da instituição, ao constatarmos que essa atividade era proibida a muitos alunos por ser considerada perigosa demais e por preconceito dos pais/responsáveis por a verem como uma prática de “vagabundo”, de “gente desocupada”.

Infelizmente, a prática corporal de “empinar pipa” está tão atrelada à bandidagem e/ou a vagabundagem na região, uma vez que existe até a função de “pipeiro” que trabalhando para o crime organizado tem a função de comunicar a chegada de drogas e a movimentação do policiamento, que alguns pais/responsáveis proibiram seus filhos de participar da atividade chegando a criticar a atividade publicamente porque, em suas opiniões, “os professores estavam incentivando seus filhos a aprender coisas de gente à toa”.

EMPINANDO PIPAS NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA

Após a grande ansiedade gerada entre as crianças, devido ao início da atividade de maneira interdisciplinar, utilizamos as aulas de Educação

5. O cerol é uma mistura de vidro moído e cola, que é passada na linha utilizada para empinar as pipas e tem como finalidade cortar a linha de outras pipas que estejam no ar. Na cidade de Vitória, as pessoas que empinam pipa dizem que a linha está “pura” quando não foi aplicada a mistura com cerol.

Física para mostrar aos nossos alunos os vários tipos de pipa que existem (diferentes formas geométricas, tamanhos variados e a presença ou não de rabiola)⁶ e as distintas denominações dadas a esse brinquedo em diferentes localidades do país (pipa, raia, arraia, cafifa e pandorga).

Apresentamos também os materiais necessários para a confecção de uma pipa (papel de seda, varetas de bambu, linha para pipa, sacola plástica, cola e tesoura) construindo – após a escolha coletiva de cor, forma geométrica e tamanho – algumas pipas com nossos alunos em sala de aula.

Apesar da proibição de participação de alguns alunos realizamos uma caminhada até para a “Prainha de Santo Antônio”, bairro vizinho a Inhanguetá, com as crianças que estavam autorizadas a “empinar pipa” dos Grupos 4, 5 e 6, enquanto os Grupos 2 e 3 vivenciaram a atividade em um pequeno espaço improvisado, localizado nos fundos do CMEI-YLS. Retomamos a discussão em sala de aula e maneira a discutir com os alunos se alguém havia se machucado na atividade orientada, se alguém havia “virado vagabundo” e se as meninas que participaram “tornaram-se meninos”.

Tivemos a oportunidade de destacar a fala de algumas meninas que identificamos possuir o hábito de “empinar pipa” com seus pais/responsáveis e/ou irmãos, chamando a atenção das crianças para a satisfação, o prazer que essa atividade trouxe para meninos e meninas, que isso não afetou negativamente suas vidas em nada e que a maioria das meninas que sabiam “empinar pipa” fazem tão bem e até melhor que muitos meninos.

O sucesso da atividade foi tão grande que fomos cobrados pelos alunos durante boa parte do segundo semestre do ano letivo de 2009 para que retomássemos a atividade, fato que ocorreu em dezembro, no último mês letivo, quando nos dedicamos em retomar aquelas atividades mais apreciadas pelos alunos, nas quais obtivemos mais ricas e intensas aprendizagens.

6. Também conhecida em alguns lugares do Brasil como rabilinha, a rabiola corresponde ao “rabo” da pipa, sendo formada por pequenas tiras de plástico ou papel amarradas equidistantes entre si por uma linha e posicionadas na parte inferior da mesma. Sua finalidade é aumentar a estabilidade da pipa durante o voo.

POSSIBILIDADES DO TRABALHO INTERDISCIPLINAR DA EDUCAÇÃO FÍSICA COM ARTES NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Explicitado o trabalho interdisciplinar realizado entre as disciplinas Educação Física e Artes com a prática corporal de “empinar pipa” é importante destacar que vivenciamos momentos especiais nos quais pudemos realizar uma experiência rica e divertida que possibilitou dialogar com as crianças maiores (de quatro a seis anos de idade), problematizando o mundo ao seu redor através de uma atividade sedutora e que povoa o imaginário das crianças.

No que tange à especificidade da Educação Física acreditamos que, apesar da dificuldade ocasionada pela falta de espaços que encontramos no CMEI-YLS, é possível realizar uma prática pedagógica que contribua com a ampliação do acervo cultural de nossas crianças e com a formação estética delas.

Não queremos dizer, com isso, que não seja necessário, nem importante a existência de espaços adequados para a aula de Educação Física. Mas é preciso ressaltar, que quando tratamos de um local apropriado não estamos nos referindo a quadras esportivas, mas tão somente a um ambiente que traga segurança, conforto e que suporte a presença de nossos alunos com vistas a realização de uma prática pedagógica sempre qualitativamente melhor.

REFERÊNCIAS

ANDRADE FILHO, Nelson Figueiredo. Perspectiva pedagógica da Educação Física para a Educação Infantil: provocações. In: GRUNENVALDT, José Tarcísio et al. (Org.). **Educação Física, Esporte e Sociedade: temas emergentes**. São Cristóvão: DEF/UFS, 2007. p. 23-39.

BIASUTTI, Maria Goretti Saiter. **A arte no contexto da Educação Infantil**. 2002. Monografia (Especialização), Centro de Artes, Universidade Federal do Espírito Santo, Espírito Santo, 2002.

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. **Referencial curricular nacional para a Educação Infantil**. Brasília: Ministério da Educação, 1998. Introdução. v. 1.

DAOLIO, Jocimar. **Educação Física e o conceito de cultura**. 2. ed. Campinas: Autores Associados, 2007.

DEBORTOLI, José Alfredo; LINHALES, Meily Assbú; VAGO, Tarcísio Mauro. Infância e conhecimento escolar: princípios para a construção de uma educação física “para” e “com” as crianças. **Pensar a Prática**, Goiânia, v. 5. 2002. p. 92-105.

FARIA, Ana Lúcia Goulart de. Pequena infância, educação e gênero: subsídios para um estado da arte, **Cadernos Pagu**, Campinas, n. 26, jan./jun. 2006, p. 279-287.

KUHLMANN JÚNIOR, Moisés. Educação Infantil e Currículo. In: FARIA, Ana Lúcia Goulart; PALHARES, Marina Silveira. **Educação Infantil pós-LDB**: rumos e desafios. 6. ed. Campinas: Autores Associados, 2007. p. 51-65.

LOPONTE, Luciana Gruppelli. Arte e metáforas contemporâneas para pensar infância e educação. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, v. 13, n. 37, jan./abr., 2008, p. 112-122.

MARCHIORI, Alexandre Freitas; RODRIGUES, Fernanda Freitas Rezende; OLIVEIRA, Rosemary Coelho de. A Educação Física na infância: a figura do especialista na Educação Infantil de Vitória. **Zero a Seis**, Florianópolis, n. 19, p. 43-67, jan./jul. 2009. Disponível em: <<http://www.periodicos.ufsc.br/index.php/zeroiseis/article/view/10149/10382>>. Acesso em: 21 set. 2010.

PORTINARI, Cândido. **Três Marias**. Rio de Janeiro, 1940. Pintura a guache e papel. 23x32 centímetros.

SOARES, Amanda Fonseca. Os projetos de ensino e a Educação Física na Educação Infantil. **Pensar a Prática**, Goiânia, v. 5. 2002. p. 15-38.

VIANNA, Claudia; FINCO, Daniela. Meninas e meninos na Educação Infantil: uma questão de gênero e poder. **Cadernos Pagu**, Campinas, n. 33, jul./dez. 2009, p. 265-283.

WEEKS, Jeffrey. O corpo e a sexualidade. In: LOURO, Guacira Lopes (Org.). **O corpo educado: pedagogias da sexualidade**. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2001. p. 35-82.

Recebido: 17 outubro 2010
Aprovado: 26 janeiro 2011
Endereço para correspondência:
Walk Loureiro
Av. Atlântica, 400, apto 104
Ed. Costa Azul – Praia do Morro
Guarapari - ES
CEP 29216-100
walk.l@uol.com.br